

# 4<sup>a</sup> Parte

---

**Discursos**

## Os oitenta anos da casa de Juvenal Galeno

*Juarez Leitão*

Na casa cheia de vozes, enquanto os literatos cearenses solfejam cantos parnasianos, escandindo versos auríferos pela compasso rígido de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, UM VELHO PATRIARCA cofia lentamente as longas e venerandas barbas e sonha. Sua mente viaja pela neblina da Serra de Aratanha e pelas praias do Aracati, para reencontrar a infância, povoada de ternas cantigas, de cheiros do campo e bebidas caseiras, boninas e jitiranas, aluás, gengibiras e muçambês, danças, trovões, lagoas e coxares.

Sonha o velho patriarca com as coisas de sua poesia e as razões de sua gente. O sertão e o mar, o vaqueiro e o pescador, cada qual mais afoito em sua montaria, o cavalo pegador e a áspera jangada.

Na quietude de sua longa noite o VELHO POETA, privados os olhos da luz contemporânea, arruma no céu o sete-estrela, as três-marias e o Cruzeiro do Sul; e, na terra, o terreiro bem varrido e os bancos de forquilha para a roda de caboclos, e passa a ouvir estórias. Os mitos avoengos, a reconstituição oral das origens, o arquê, ponto inicial das coisas, dos bichos e dos homens.

Na casa cheia de poetas, pianistas e declamadores, o bardo nonagenário, sentado em sua rede avarandada, todo vestido de branco, tendo à cabeça um gorro também branco, parece uma roca pronta, um grande algodoal, onde as mãos caprichosas das apanhadeiras colhem o fio do tear, a saia de chita, o xale das missas domingueiras e o lençol de mandapolão.

Em seu passeio telúrico pelas campinas de sua mocidade, serras e várzeas do Pacoti e do Baturité, na fronde altaneira dos angicos e das aroeiras ou no chão do bamburral e do capim-mimoso, exibe o poeta o gibão bem curtido e o cavalo esperto, campeando cirandas e redondilhas, fartas na memória popular, puras e doces como os canapuns, ricas de sentimento e de cadência.

A casa fervilha de beletristas, no ledó exercício de suas vaidades, e o Velho Bardo viaja ao país das LENDAS E CANÇÕES, onde, em seu ofício de recolhedor, mergulha fundo na alma popular e de

lá traz a voz singela dos canoeiros, das lavadeiras da beira de rio, das rendeiras de labirintos, dos aboios dos vaqueiros, da amargura dos escravos, dos soldados a caminho da guerra, dos lavradores a caminho da roça, dos violeiros a caminho do mote, dos missionários a caminho das almas, dos pescadores a caminho do peixe, dos cantadores de coco e emboladas a caminho das feiras, dos encantados a caminho do amor e de todos os que, simples filhos do povo, na aba das serras ou nas brisas do mar, ao se sentirem tocados de paixão, fizeram versos, cirandas e cantigas.

Sonha o velho poeta em pleno serão, enquanto à sua volta voejam os poetas acadêmicos, as moças declamadoras, os oradores, os tenores, os artistas, os magistrados, os secretários de estado e o próprio governador. Todos tentam explicá-lo, louvar-lhe o talento, receber sua bênção. Ele é o índice da poesia cearense. O olho-d'água da prima corrente, a fonte inicial.

O Patriarca tem nome e tem história. Parece uma ilha, isolado em sua cegueira homérica, mas é um continente, povoado de amplos saberes. Parece singular, pela posição que ocupa na reverência de seus conterrâneos, entretanto, é, por seu destino épico, um homem plural, a saga coletiva, uma inteira e completa mitologia. Hierático, em sua rede nordestina, galante, galanteado, GALENO. O patriarca se chama JUVENAL.

Na segunda década do século XX, aí por volta de 1916, as filhas de Juvenal Galeno, Henriqueta e Julinha, começaram a promover serões literários na casa do velho poeta, neste mesmo endereço, àquele tempo sob o número 272. Queriam as irmãs Galeno que o respeitado bardo, cego desde 1908, continuasse a privar do convívio dos homens de letras do Ceará e, sobretudo, a repassar o interesse pela cultura popular à juventude de sua terra, deslumbrada pela influência das literaturas alienígenas, instrumento perene da colonização consentida e estimulada.

As moças de Juvenal, como as duas faces da natureza humana, tinham personalidades diferentes, divergentes até, embora convergissem no amor às artes e às letras e na dedicação arraigada ao velho rapsodo. Julinha, aberta e esfuziante, tinha o espírito desfraldado dos mobilizadores da alegria, sempre disposta para a festa, para os brilhos, para o movimento. Henriqueta, comedida e serena, segura e

racional, planejava cada gesto, cada atitude com a parcimônia de um oriental e uma bem avaliada consciência socrática.

As reuniões foram ficando cada vez mais concorridas; e naquele 27 de setembro de 1919, data em que o poeta completava 83 anos, Julinha e Henriqueta instalaram oficialmente o SALÃO LITERÁRIO JUVENAL GALENO. Estavam ao lado das Irmãs Galeno no Ato de Fundação, na casa de Juvenal e de sua esposa Maria do Carmo, naquela noite, além dos parentes e dos amigos da família, os intelectuais Antônio Furtado, José Albano, Beni Carvalho, Irineu Filho, Leão de Vasconcelos, Papi Júnior e Alf. Castro.

Com a partida de Júlia Galeno para Salvador, acompanhando o marido, Francisco Santana, Henriqueta assume a plena direção do salão, promovendo às quartas-feiras a, cada vez mais concorrida, tertúlia litero-musical, que passou a ser uma referência no calendário da cidade.

O costume dos SALÕES, quando figuras agregadoras da sociedade recebem pessoas interessantes, artistas e literatos para a boa palestra e as demonstrações de talento, regadas a vinhos, licores e canapés vem, certamente, da França.

Na casa de Catherine de Vivonne, Marquesa de Rabouillet (1588-1665), as tardes e noites de sábado se enchiam da requintada convivência de aristocratas, com suas belas mulheres e seus amigos intelectuais. O salão de Mme. Rabouillet era lugar de refinamento e preciosismo, cujo excesso foi objeto da zombaria de Molière em *As Preciosas Ridículas*.

O salão de Mme. De Staël (1766-1817) é visto como de grande importância histórica, tendo em conta a forte influência política que exerceu em seu tempo. Germaine Necker, Baronesa de Staël, era escritora, com ativa circulação na política e na literatura na época da Revolução Francesa.

No salão da Princesa Matilde (1820-1904), sobrinha de Napoleão, figuravam os dois Alexandre Dumas (pai e filho). Theophile Gautier e Gustave Flaubert, que na época usufruía o sucesso de seu romance *Madame Bovary*, baseado, segundo consta, em história sussurrada ali.

O grande centro de mexericos, porém, era o salão da Mme. De Girardin (1804-1855) que, mantendo uma coluna de frivolidades no jornal de seu marido, Émile De Girardin, precisava sempre se

reabastecer ouvindo a sociedade. Suas fontes prediletas eram os escritores Lamartine, Alfred de Vigny, Victor Hugo e Honoré de Balzac, freqüentadores contumazes daquele sarau.

Em ambientes assim vicejavam misteriosas histórias de amor. Uma delas ficou famosa:

O poeta Felix D'Arvers freqüentava com assiduidade as principais tertúlias literárias de Paris. A todos esses encontros comparecia também uma bela mulher, por quem o poeta nutriu uma paixão diluviana. Nunca, porém, ousou declarar-se, respeitando-lhe o estado civil de mulher casada com um figurão do mundo político. Curtiu calado esse amor por muitos anos, obstinado e solitário. Ao morrer, descobriu-se-lhe um soneto, sua única produção digna de referência, que os amigos mandaram gravar em sua sepultura, no cemitério de Père Lachaise, em Paris. O poema ganhou versões no mundo inteiro. No Brasil, o entusiasmo foi tal que, na década de 40, o escritor Melo Nóbrega já reunia num volume 128 traduções. Não estão incluídas neste livro as versões feitas pelos poetas do Ceará, duas das quais foram declamadas nesta casa por seus autores, os poetas Filgueiras Lima, em 1940, e Ferreira Nobre, em 1959. Na tradução do Ferreirinha, assim ficou o SONETO D'ARVERS:

*Tenho na alma um segredo e um mistério na vida...  
Nasceu-me um grande amor, inesperadamente,  
E aquela que o inspirou, de mim despercebida,  
Não sabe a minha angústia e a minha dor não sente.*

*Ai de mim! Sigo sempre essa mulher querida.  
Mas, solitário e triste, ao vê-la indiferente,  
E hei de morrer levando-a na alma refletida  
Sem nunca ousar dizer-lhe o que me vem à mente.*

*E ela, feita por Deus da complacência a imagem,  
Irá seu rumo, albeia à múrmura mensagem  
Do amor que fez nascer e que atrás dela irá.*

*Preso a austero dever, que santamente zela,  
Dirá, depois de ler meus versos cheios dela:  
– “Que mulher será esta?” – E não compreenderá.*

O SALÃO JUVENAL GALENO haveria de se transformar em CASA DE JUVENAL GALENO em 1936, por ocasião das celebrações do centenário de seu patrono.

O poeta morreu, aos 94 anos, em 1931.

Sob o comando firme de Henriqueta Galeno gerações de criadores e comunicadores de emoções se reuniram no aconchego desta casa, transformada no templo de inteligência do Ceará, por quase cinquenta anos. Seu espírito agregador extasiou a quantos privaram de sua amizade ou receberam as graças de sua hospitalidade. Personalidades do mundo político e intelectual, acreditadas nacionalmente, derramavam-se, copiosas, no louvor à professora de benquerença e amabilidade que sustentava um convescote de alto nível mental na Terra de Alencar. Com mão amiga e estimuladora, constituiu platéia seleta para ouvir a produção dos consagrados e as hesitações dos estreantes, fazendo nascer aqui, neste palco e entre estas paredes, fulgurantes carreiras literárias. Nenhum grande vulto da literatura e das artes do Brasil e do exterior passou por Fortaleza sem que viesse participar do sarau de Henriqueta. Líder natural do movimento literário do Ceará, respeitada pelo que pensava, corajosa por suas atitudes, franca, leal e verdadeira, sempre fez ver à cidade e aos homens que se sentia apta para assumir seu destino humano, em qualquer ofício ou função do criar e do fazer, firme na observância normativa dos deveres, mas com perfeita consciência de suas prerrogativas cidadãs. Pioneira na defesa dos direitos da mulher, sobressaiu-se em congressos feministas no Rio de Janeiro, provocando repercussão na imprensa do sul. Certa vez, ao retornar a Fortaleza depois de participar destacadamente de um desses congressos, enfrentou o azedume de algumas figuras intolerantes do machismo local com a altivez de sempre, recebendo o apoio majoritário da comunidade.

Na Casa de Juvenal os homens de letras do Ceará, pretendentes e simpatizantes, sempre se sentiram à vontade. Neste espaço brilharam, em noites memoráveis, o jovem poeta Mário da Silveira, o teatrólogo Renato Viana, o contista Herman Lima, o folclorista Leonardo Mota, a romancista Rachel de Queiroz, os jornalistas Demócrito Rocha e Perboyre e Silva, o ensaísta José Sombra, o romancista Rodolfo Teófilo, o sociólogo Adonias Lima, os professores Menezes Pimentel, Josafá Linhares e Leite Maranhão, o conferencista Parsifal Barroso, o

romancista Fran Martins e os poetas Antônio Sales, Quintino Cunha, Justiniano de Serpa, Tancredo Moraes, De Sabóia Ribeiro, Sales Campos, Judite Amaral, Aderbal Sales, Cruz Filho, Mário Linhares, Martins D'Alvarez, Abigail Sampaio, Susana de Alencar, Filgueiras Lima, Carlile Martins, Jáder de Carvalho, Artur Eduardo Benevides e muitos outros ilustres representantes do pensamento cearense.

O mecenato da Casa de Juvenal Galeno teve continuidade quando, com a morte de Henriqueta ocorrida em 1964, sua sobrinha Cândida assumiu a direção. Conheci este silogeu no tempo de Nenzinha Galeno. Herdeira do ofício e da dedicação da ilustre antecessora, recebia a nós todos com sisuda cortesia e sincero prazer. Quem a via pela primeira vez ficava receoso diante do olhar neutro, do jeito aparentemente árido e da severidade com que dirigia os trabalhos. A convivência, porém, revelava uma personalidade afável, uma alma doce, solidária e companheira, uma amiga de grande coração. A quantos de nós escutou com paciência versos ingênuos e fracas prosopopéias! Adolescentes inseguros e velhinhos de boa-fé sempre tiveram o seu apoio para vir aqui derramar suas trêmulas emoções, seus titubeios de água rasa. Sacerdotisa de um segmento especial, compreendia os arroubos fronteiricos dos poetas e a exasperação dos que têm a sensibilidade à flor da pele. E ela, a ouvir as partes quando se desentendiam, gerenciando com experiência as vaidades e, no fim, consertando os desentendimentos. Foi uma mãe generosa, mama italiana, o grande ombro solidário de quantos líricos comboieiros se acosturam na sombra larga e acolhedora da Casa de Juvenal Galeno.

Em 1989 morre Nenzinha e o seu irmão Alberto é sagrado o novo timoneiro. Contista e historiador, é ele próprio um personagem vivo de nossa história. Adepto da ideologia marxista, pagou com prisões e destratos o alto preço de suas convicções. Manteve-se, porém, fiel à tradição dos Galeno de assumir com coragem a defesa de suas crenças e ficou, como fez Juvenal ao optar pela poesia popular, do lado mais difícil, na defesa das razões dos simples, dos explorados, dos desconhecidos do poder. Naquele tempo Juvenal Galeno escrevia sátiras condenando o pedantismo provinciano e a submissão colonial dos imitadores dos costumes europeus nos "Boletins de Silvanus". Alberto, pelo mesmo caminho, reverbera contra a prepotência, o colonialismo

e o desrespeito à cultura popular em livros como *Território dos Coronéis*, *Sob o Signo do Macaco* e *A Praça e o Povo*.

Hoje, a CASA DE JUVENAL GALENO não poderia manter um sarau igual àquele dos anos 20. A sociedade tem outros apelos e atrações mais sedutoras. Mas, nos limites do tempo e em face das circunstâncias, é extraordinário verificar como este sodalício mantém intactos os pontos fundamentais de seus objetivos culturais. Abrigando várias entidades como a ALA FEMININA (que voltou a editar a revista JANGADA), a COOPERATIVA DE CULTURA, a COMISSÃO CEARENSE DE FOLCLORE, o CLUBE DOS POETAS POPULARES, a ACADEMIA DE LETRAS MUNICIPAIS e abrindo suas duas bibliotecas, que somam sete mil volumes, ao público, aos estudantes pobres, principalmente, é ainda, ao lado do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, uma grande referência do pensamento cearense.

E Alberto, como a tia e a irmã que o antecederam, tem honrado a missão de guardar a memória do poeta JUVENAL GALENO, com absoluta consciência do patrimônio cultural coletivo que ela representa.

De Juvenal, o criador da poesia popular brasileira, o aedo nativista, caudatário da pronúncia espontânea de nossas emoções, voz do sincretismo étnico-cultural, oráculo da terra cearense.

Juvenal, que teve a coragem de ser simples, enfrentando, muitas vezes, o desdém dos deslumbrados da cultura européia, os infiéis desavisados que, dando as costas ao que é nosso, querem se fazer elegantes aos modismos literários. Mal sabem que Homero, o orago maior da poesia, se dimensionou para a eternidade clássica a partir das montanhas de Quios e Esmirna, na Jônia Arcaica. Isto é, só se tornou ciclópico, colossal, cosmopolita, quando se fez poeta de sua gleba, de seu pequeno chão, da tradição oral, reunindo a produção dos bardos iletrados para compor suas epopéias.

“Sei que serei mal recebido nos salões aristocratas e entre os críticos. Mas, desprezado nos salões, encontrarei bom agasalho na oficina, na choça, no seio do povo. O operário entoará no trabalho estas canções, as crianças repeti-las-ão no lar, assim como o veterano recrutado, o escravo, o oprimido”, dizia o próprio Juvenal Galeno na apresentação de *Lendas e Canções Populares*, em 1865.

Juvenal foi um rio que cresceu e se tornou caudaloso à medida que se tonificava das águas barrentas dos ribeirinhos, esses



córregos telúricos que descem das feiras, das danças no chão batido das lataclas, das toaclas dos tangerinos e aboiadores.

Juvenal, homem nascido na cidade, mas enamorado das campinas, das chapadas e tabuleiros do sertão, do carrascais picarrentos e das águas verdes do mar. Na cadência de seus versos puros o povo se veste, sela o cavalo, tange o gado, planta o roçado, colhe e recolhe o feijão, peneira o xerém, raspa a mandioca e faz a farinha, varre o terreiro para a pega de viola, o reisado e a dança de São Gonçalo.

Quem, na poesia popular, foi tão completo?

Quem tão único e tão diverso? Quem tão sertão e tão mar?

Quem, tanto quanto Juvenal Galeno, foi senhor das brisas e donatário dos ventos, a ponto de perguntar à sua jangada, cúmplice predileta de suas dolências, como um garcom eólico: "Tu queres vento de terra?/ ou queres vento do mar? /Minha jangada de vela/ que vento queres levar?!"

Juvenal fez uma revolução literária. Pois, que se saiba, só existe revolução, em qualquer instância da história, quando se responde à voz do povo, quando se representa seus sentimentos, quando se combate em nome de suas esperanças. Longe do povo, qualquer atitude é quartelada, engodo retórico, interesse de oligarquias.

De onde vem a indiferença burguesa à arte popular? Por que esse medo das coisas do povo? Para que rumo marcha a elitização cultural, senão para restringir os valores autênticos da sociedade e evitar que esses valores se ampliem em suas bases, que se comuniquem como afirmação de suas crenças, que se massifiquem como lição?

"Foi no seio do povo que conheci e cantei seus sentimentos – diz Juvenal Galeno. Foi no meio do povo que pude conhecer essa poesia, que é o tesouro e a ciência popular. Sua religião, sua cosmogonia, sua vida, os feitos de sua história."

A atitude literária de Juvenal Galeno foi, pois, consciente. Uma escolha corajosa, política e racional.

Por quem fala o velho bardo? Ler-se Juvenal e se ouvem as vozes dos índios massacrados, o rude canto das senzalas, a opressão dos senhores da terra. E de todas as dores sai o canto lírico dos simples como senha amorosa para a todos reunir e, quem sabe, transformar em ação suas razões e seus sentimentos.

Parabéns à CASA DE JUVENAL GALENO por preservar e difundir, já por 80 anos, esta esplêndida história de amor ao povo.